

O Sentimento de Drummond por Moisés Neto

***DRUMMOND:
SENTIMENTO DO MUNDO***

Por Moisés Neto

RECIFE, OUTUBRO DE 2002

“O luar quando bate na relva/ Não sei que coisa me lembra...”

Fernando Pessoa em “Poemas de Alberto Caeiro”

“Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei.”

Carlos Drummond de Andrade em “O Operário no Mar”

Tendo como eixo o terceiro livro publicado do poeta Carlos Drummond de Andrade, “**Sentimento do Mundo**”, lançado em 1940 e que traz a inquietação que antecedeu a segunda guerra mundial, buscaremos desenvolver a idéia de Octavio Paz que diz que “*O poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser social, pessoal ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas ao falar-nos de todos esses sucessos, sentimentos, experiências e pessoas, o poeta nos fala de outra coisa: do que está fazendo, do que está sendo diante de nós e em nós. E mais ainda, leva-nos a repetir e recriar seu poema e nomear aquilo que nomeia; e ao fazê-lo, revela-nos o que somos*”. (“**Signos em Rotacão**”. Editora Perspectiva: São Paulo, 1996)

I

Drummond é considerado o poeta maior da literatura brasileira. Sua poesia é marcada pelo enfoque nos temas cotidianos, pela revelação do homem comum, que está preso a um momento histórico no meio de milhões de anônimos.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, na cidade de Itabira, interior de Minas Gerais. Foi, além de escritor, funcionário público. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida, em 1987.

Carlos escreveu-se. Quebrou as fôrmas e brincou com as formas. Acusou o limite impossível entre o bem e o mal. Buscou a interação entre a linguagem e o homem. Uma linguagem que viesse das ruas e se particularizasse na sua poesia, amálgama de utopias desnudas, sonhos perguntas, gritos, agonias, ironia, união e desenlace. Sua *persona lírica* identifica-se com o cidadão que marcha sem saber direito para onde, numa cidade-labirinto, onde os seres encontram o desamor e de viés deparam-se com o enigmático fantasma da esperança, preso nas engrenagens da modernidade.

“Tenho apenas duas mão/ e o sentimento do mundo(...) quando me levantar, o céu estará morto(...) os camaradas não me disseram que havia uma guerra(...) sinto-me disperso,/anterior a fronteiras(...) quando os corpos passarem,/eu ficarei sozinho/desafiando a recordação” (em *“Sentimento do Mundo”*).

II

A procura da poesia, no livro *“Sentimento do Mundo”*, é feita de modo sinuoso: há uma guerra externa e a ascensão dos governos totalitários (Vargas e o Estado Novo no Brasil, Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália, Franco na Espanha) ao mesmo tempo em que o homem moderno trancava-se, cada vez mais, em pequenos apartamentos, individualizando-se, eximindo-se egoisticamente. Neste livro o poeta denuncia a falta de horizontes e diz que o hábito de sofrer o diverte (*“Confidência do Itabirano”*). São 28 poemas permeados de inquietações, onde o autor encaixa-nos, de certa forma, nas suas condições histórico-sociais:

“É preciso viver com os homens,/é preciso não assassiná-los” (*“Poema da Necessidade”*) e faz-nos repensar nosso passado, contrastando épocas *“Os conselheiros angustiados/ ante o colo ebúrneo/das donzelas opulentas(...) esqueciam a guerra do Paraguai(...) a dor cada vez mais forte dos negros/e sorvendo mecânicos/uma pitada de rapé,/ sonhavam a futura libertação dos instintos(...) nos arranha-céus de Copacabana, com rádio e telefone”* (em *“Tristeza do Império”*).

Drummond também usa o poema em prosa, e fala dos operários: *“Para onde vai ele?(...) Não lhe sobra tempo(...) teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é(...) Agora está caminhando no mar(...) Onde estão os exércitos que não impediram o milagre?(...) Peixes escorrem de suas mãos(...) Me dirige um sorriso úmido(...) Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?”* (em *“O Operário no Mar”*). O autor não mede

esforços e rompe a barreira do real ao criar suas imagens como a do operário-Cristo, com sorriso de ímã, ligado ao poeta por um frágil e significativo instante.

A sensação que sentimos ao ler “Um Menino Chorando na Noite”, poema subsequente, é a de estarmos assistindo a um filme curto: “*Na noite lenta e morna, morta noite sem ruído, um menino chora./O choro atrás da parede, a luz atrás da vidraça/perdem-se nas sombras dos passos abafados, das vozes extenuadas./E no entanto se ouve até o rumor da gota de remédio caindo na colher.(...) E vejo a mão que levanta a colher, enquanto a outra sustenta a cabeça/e vejo o fio oleoso que escorre pelo queixo do menino,/escorre pela rua, escorre pela cidade(um fio apenas)./E não há ninguém mais no mundo a não ser esse menino chorando.*”. Súbito o poema funde a criança, as mãos que lhe dão o remédio e sustentam-lhe a cabeça, o leitor e o mundo. E ficam todos unidos numa espécie de *caramanchão* insólito, que é o poema, um vácuo, um espaço-tempo onde o jogo de metáforas no choque com a realidade concreta dissolvem o isolamento em que o poeta se encontra, reintegra-o ao mundo em processo. O poeta-personagem observava, integrava-se àquela crise *planetizada*: a crise do Modernismo.

III

Não há rima nos poema do livro “Sentimento do Mundo”. A métrica é dissolvida num coquetel rítmico, cujo conteúdo corrosivo (a dialética da história), é servido aos excluídos, mas não consumido por eles: “*A noite, do morro/descem vozes que criam terror/(terror urbano, cinqüenta por cento de cinema,/e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua geral).//Quando houve revolução, os soldados se espalharam no morro,/o quartel pegou fogo, eles não voltaram./ Alguns chumbados, morreram./O morro ficou mais encantado.// Mas as vozes do morro/não são propriamente lúgubres./Há mesmo um cavaquinho bem afinado/ que domina os ruídos da pedra e da folhagem/e desce até nós, modesto e recreativo,/ como uma gentileza do morro.*” (em “Morro da Babilônia”).

Entre o lirismo e a ironia *drummondiana* estende-se uma gama infinita de intenções articuladas ao princípio modernista, que já dava sinais de esgotamento em 1940. É como se Carlos fizesse certos temas “ocultos” deixarem seus esconderijos e latejarem, entre o humor e o horror, frente àquelas vistas cansadas e ávidas de novidade. A problemática do nosso caos urbano aparece em vários poemas do itabirano: “*Provisoriamente não cantaremos o amor, /que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos./Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços(...) o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,/o medo dos ditadores, o medo dos democratas(...) da morte e o medo depois da morte,// depois morreremos de medo/e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*” (em “Congresso Internacional do Medo”). O “nós”, mesmo como plural de modéstia, nos integra ao discurso deste eu-lírico.

Se o homem das classes menos favorecidas não tinha acesso aos livros de poesia, Drummond, ao seu modo retratava-o, e mesmo com toda a sua acidez momentânea e ironia revestindo seu amor e seu receio, incitava seus leitores a oferecer um ombro amigo àqueles excluídos no processo social: “*Em vão assassinaram a poesia nos livros,/em vão houve putschs, tropas de assalto, depurações./Os sobreviventes aqui estão, poetas honrados,/poetas direitos da Rua Larga./As outras são muito estreitas,/só nesta cabe a poeira,/o amor/ e a Light.*” (em “Brinde ao Juízo Final”). É uma crítica ao academicismo que afastava alguns autores do processo social.

IV

Há uma guerra em andamento: *“Neste terraço mediocrementemente confortável,/bebemos cerveja e olhamos o mar./Sabemos que nada nos acontecerá(...) se houvesse um cruzador louco,/fundeado na baía em frente da cidade,/a vida seria incerta...improvável.../Mas nas águas tranqüilas só há marinheiros fiéis./Como a esquadra é cordial!//Podemos beber honradamente nossa cerveja.”* (em “Privilégio do Mar”). O Brasil ainda não havia entrado na Guerra. O poeta expõe-se junto aos companheiros: *“Os inocentes do Leblon/não viram o navio entrar./Trouxe bailarinas?/trouxe emigrantes! / trouxe um grama de rádio? /Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram, / mas a areia é quente, e há um óleo suave/que eles passam nas costas, e esquecem.”* (em “Inocentes do Leblon”). O cinismo carioca transparece.

Ao observar uma criança no berço o poeta salienta a fugacidade das coisas e ressalta alguns valores eternos. Por trás da sua irônica amargura pulsa uma espécie de amor, eterno e universal, que rompe fronteiras e transpõe abismos maniqueístas cheios de oportunismos que precisam ser vencidos: *“O amor não tem importância(...) a carne não tem importância(...) quinhentos mil chineses mortos(...) a vida é sem importância(...) os beijos não são importantes(...) só uma estrela guardará o reflexo/ do mundo esvaído/(aliás sem importância)”* (em “Canção do Berço”).

O cotidiano com suas pequenas armadilhas e ramificações interpõe-se constantemente entre o poeta e o mundo: *“Teus dois cinemas, um ao pé do outro, por que não se afastam/para não criar, todas as noites, o problema da opção/e evitar a humilde perplexidade dos moradores?/Ambos com a melhor artista e a bilheteira mais bela,/que tortura lançam no Méier!”* (em “Indecisão no Méier”). Não são simplesmente os dois cinemas, nem somente a artista, a bilheteira ou o poeta indeciso no Méier. Somos nós, presos a um dia-a-dia fragmentado, onde as pequenas coisas podem ser metáforas de decisões maiores que estariam ligadas àquelas famosas *frias eleições do espírito*, sobre as quais nos falava Machado de Assis.

No poema seguinte Drummond fala das suas sensações durante uma audição do “Bolero de Ravel”: *“A alma cativa e obcecada/enrola-se infinitamente numa espiral de desejo/e melancolia/Infinita,infinitamente.../As mãos não tocam jamais o aéreo objeto, /esquiva ondulação evanescente./Os olhos magnetizados, escutam/ e no círculo ardente nossa vida para sempre está presa, /está presa.../Os tambores abafam a morte do Imperador”*. A sinestesia, “olhos(...)escutam”, as reticências, o “aéreo objeto”, os tambores que abafam a morte, todos esses ingredientes nos fazem pensar que o poeta está usando recursos do Simbolismo, com a intenção de fundir sua alma à nossa na escuta, e na ânsia de compreensão daquela *música*.

O 17º poema do livro “Sentimento do Mundo, é: *“Le Possession du Monde”*: *“Os homens célebres visitam a cidade(...) exaltam a paisagem./ Alguns se arriscam no Mangue,/ outros limitam-se ao Pão de Açúcar,/mas somente Georges Dhamel/passou a manhã inteira no meu quintal ./Ou antes no quintal vizinho do meu quintal(...)pediu ce cocasse fruit jaune.”*

O Rio de Janeiro é, depois de Minas, como já ressaltamos, o solo de Drummond.Seu ponto de observação, sua torre para a integração com o mundo. E é de lá que ele saúda o cinquentenário do poeta recifense Manuel Bandeira: *“(...) Não é o canto da andorinha, debruçada nos telhados da Lapa(...) não são os mortos do Recife, dormindo profundamente na noite(...) Rimbaud fartou-se de escrever, Maiakovski suicidou-se(...) ouve-se o surdo rumor de combates longínquos/(cada vez mais perto, mais, daqui a pouco dentro de nós)/ e enquanto suspiram, combatem ou simplesmente*

ganham dinheiro,/ ninguém percebe que o poeta faz cinqüenta anos”. As referências a elementos da poética de Bandeira e à guerra são nítidas. Este “súbito rumor de combates longínquos”, redimensiona-se, torna-se, ainda hoje, audível. O poema também faz alusão à passagem do tempo, temática que será desenvolvida no poema seguinte: “Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus./ Tempo de absoluta depuração./ Tempo em que não se diz mais: meu amor. Porque o amor resultou inútil. E os olhos não choram/ e as mãos tecem apenas o rude trabalho./ E o coração está seco// Em vão mulheres batem à porta, não abrirás./ Ficaste sozinho, a luz apagou-se,/ mas na sombra teus olhos resplandecem enormes../ És todo certeza, já não sabes sofrer./ E nada esperas de teus amigos(...). Pouco importa que venha a velhice(...). Chegou um tempo em que não adianta morrer/ Chegou um tempo em que a vida é uma ordem./ A vida apenas sem mistificação” (em “Os ombros suportam o Mundo”). O poeta atesta uma visão inquietante, e bem particular, da solidão, da incomunicabilidade e, aos 38 anos(!), da velhice (dele? Dos outros? Nossa?) e pede que caminhemos unidos: “Não serei o poeta de um mundo caduco./ Também não cantarei o mundo futuro. /Estou preso à vida e olho meus companheiros./Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças./Entre eles considero a enorme realidade./ O presente é tão grande, não nos afastemos./ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”. O nome do conhecido poema é “Mãos Dadas”, e tem como eixo o fazer poético, sua relação com o tempo, seu compromisso com o outro. Embora tristes e calados, os homens têm esperança e o poeta se solidariza com o momento em que vive.

V

O poema “Dentaduras Duplas”(dedicado ao escritor Onestaldo Penafort), também é marcado por uma visão, desta vez irônica e bem humorada, sobre o envelhecimento: “feéricas dentaduras/admiráveis presas,/ mastigando lestas/e indiferentes/ a carne da vida”. Na seqüência vem “A Noite dissolve os Homens” (para o pintor Portinari), nele Drummond se engaja com a proposta social do pintor: “(...) a noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer, a noite dissolve as pátrias, apagou os almirantes/ cintilantes! Nas suas fardas./ A noite anoiteceu tudo.../ O mundo não tem remédio.../ Os suicidas tinham razão// Aurora,/ entretanto eu te diviso, ainda tímida,/ inexperiente das luzes que vais acender/ e dos bens que repartirás com todos os homens(...). O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos(...) o suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam(...) havemos de amanhecer. O mundo/ se tingem com as tintas da antemanhã/ e o sangue que escorre é doce, de tão necessário/ para cobrir tuas pálidas faces, aurora”.

Já nos poemas “Madrigal Lúgubre” e “Lembrança do Mundo Antigo” novamente a *persona-lírica* fala da miséria humana e dos horrores da guerra, contrasta passado e presente usando a figura feminina como contraponto, uma *princesa* (a justiça? Um Deus acessível/inacessível a todos nós?) no primeiro: “Em vossa casa feita de cadáveres,/ ó princesa! Ó donzela/ em vossa casa, de onde o sangue escorre,/ quisera eu morar./ Cá fora é o vento e são as ruas varridas de pânico,/ é o jornal sujo embrulhando fatos, homens e comida guardada./ Dentro, vossas mãos níveas e mecânicas tecem algo parecido com um véu./ O mundo, sob a neblina que criais, torna-se de tal modo espantoso/ que vosso sono de mil anos se interrompe para admirá-lo(...) é tempo de guerra,/ tempo de extrema precisão(...) Se bocejardes, minha cabeça/cairá por terra, sem remissão(...) Tocai tambores, tocai trombetas,/ impondo silêncio, enquanto fugimos! (...) Adeus princesa, até outra vida”. E uma mulher chamada Clara

no segundo: *“Clara passeava no jardim com as crianças(...)o mundo inteiro , a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em redor de Clara(...) nem sempre podia usar vestido novo.Mas passeava no jardim, pela manhã!!!/Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!*. As exclamações triplas, substituem as reticências, tão comuns neste livro. Pedem que com urgência e espanto se observe que a vida foi modificada, e que o nosso mundo não é mais o mesmo. É que a mudança é recheada de horror.

Já em **“Elegia 1938”** o poeta volta a falar de um “mundo caduco”, da existência de uma “grande máquina”, sobre caminhar “entre os mortos”, e usa a segunda pessoa de singular como se estivesse falando consigo mesmo: *“A literatura estragou tuas melhores horas de amor”*, e sentencia de modo inusitado: *“Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição/ porque não podes sozinho dinamitar a ilha de Manhattan.”* . Esta ilha, referência à cidade de Nova York, símbolo de um capitalismo tão injusto.

Ao contemplar a realidade e mergulhar profundamente na sua existência buscando integrar-se à humanidade, vemos muitas vezes no livro “sentimento do mundo”, o eu-lírico desdobrando-se na terceira pessoa, ou mesmo num “tu” problemático, como se fosse uma poética de auto-referência, cheia de seriedade e paradoxal humor diante da realidade que parece tão errada, mas que exige uma percepção prática. Drummond conversa com seu leitor, irmana-se, como o fez o bruxo do Cosme Velho, nosso Machado. Mostra-nos talvez que a eternidade é uma palavra expressa, porém de obscura compreensão.

VI

Restam dois poemas. O penúltimo do livro é “Mundo Grande” :*“Não, meu coração não é maior que o mundo./ É muito menor./ Nele não cabem nem as minhas dores./Por isso gosto tanto de me contar./Por isso me dispo,/por isso me grito,/por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:preciso de todos(...)Meus amigos foram às ilhas./Ilhas perdem o homem./Entretanto alguns se salvaram e/trouxeram a notícia/de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,/entre o fogo e o amor(...) –Ó vida futura! Nós te criaremos.”* . Novamente a exclamação, o vocativo. O poeta sente-se agente de mudança e alterna este estado com o constrangimento da imutabilidade de certas coisas. O que se confirma em “Noturno à Janela do Apartamento”: *“Suicídio, riqueza, ciência.../ A alma severa se interroga/e logo se cala.E não sabe/ se é noite, mar ou distância. //Triste farol da Ilha Rasa”*. São estes os últimos versos do livro. Novamente as reticências, a menção ao suicídio, talvez uma morte coletiva que brotava a partir da incompreensão, da falta de solidariedade que o poeta constatava tão presente entre os homens. Entre nós. Ontem, hoje. Neste poema final, o poeta observa a noite. *“Silencioso cubo de treva:/ um salto e seria a morte./Mas é apenas,sob o vento, /a integração na noite.//Nenhum pensamento de infância,/nem saudade num vão propósito./Somente a contemplação/de um mundo enorme e parado”*. Percebemos a ânsia do eu-poético em enlaçar destinos(o poeta/ os outros), reunir os homens, nem que seja em forma de arquipélagos.

Drummond se reconhece no mundo que precisa ser salvo, mas reconhece também o fatal distanciamento entre os homens. (“é precisamente nas coisas mais importantes e profundas que estamos indizivelmente sós”, já dizia **Rilke**) Transfigura-se então de poeta solitário em poeta solidário, recria o mundo depurando-o, buscando sua essência. Ao silêncio contrapõe a imagem poética.

O professor **Lourival** Holanda no seu livro “Sob o Signo do Silêncio” (EDUSP: São Paulo, 1992) afirma: “O texto vai formando um espaço possível (outro portanto), enquanto vai se formulando, *escritualmente*, como busca(...) o que se espera enquanto se escreve? Que expondo nossa solidão (senão, o que cremos ser a nossa singularidade), ela diminua (nos aproximando dos outros?)” (p.87)

Quando Drummond fala da sua época, a perfeição do seu recorte poético torna-o atemporal, é como se o itabirano estivesse falando dos dias de hoje, faz-nos recriar aquele instante. “Estar” ali. Penetrar aquela pintura feita de palavras que comunica à nossa imaginação um certo tipo de consciência. Nós conseguimos quase “ver” o mecanismo que ele usou para captar a realidade, o “ser” das coisas que está refletido nas suas imagens. Estas imagens drummondianas, que mais parecem espelhos onde podemos nos contemplar.

VII

No seu livro “Signos em Rotação”, o poeta **Octavio Paz** sugere que o poema é um “ser de palavras” mas “vai mais além das palavras e a História não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido- e nem sequer existência- sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta” (SR.p.52).

“O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um leitor novo (SR.p.55). Seu humor e sua ironia enchem de ambigüidade o que tocam: “é um juízo implícito sobre a realidade e seus valores, uma espécie de suspensão provisória, que os faz *oscilar* entre o ser e o não ser (SR.p. 70). A *outridade* do poeta é “a percepção de que somos outros sem deixar de ser o que somos e que sem deixar de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte. Somos outra parte” (SR. P.107).

Afonso Romano de Sant’Anna no seu livro “Carlos Drummond: análise da obra” (Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1980) destaca: “Max Scheller sintetiza bem a situação quando diz: `depois de dois mil anos o homem tornou-se um problema real e concreto para si mesmo: não sabe mais o que ele é, mas ao mesmo tempo sabe que não sabe(...) desprovido de um ontem e encurralado ante a eminência de um não-futuro´ (...) A melhor poesia é sempre uma súmula cultural. A poesia de Drummond articula um protótipo do mundo moderno- o *gauche*. Aí está o sentimento de uma região, de um país e o sentimento do mundo. Aí o problema central é o tempo(...) como *creator*, o poeta empreende a redução de sua época, reflete a realidade que vive deglute o mundo que o deglute, ajunta aquilo que o tempo espalha. Os homens, diz Heráclito, são tais que não ajuntam; só aqueles que podem fazê-lo, completa Heidegger, ´dominam a palavra: os poetas e os pensadores. Os demais cambaleiam apenas no círculo do próprio e da incompreensão´. O poeta é aquele que articula os fragmentos e reintegra a essência na aparência(...) é a sua missão descer aos infernos do tempo para recheiar-se pelo amor(...) deixa seu canto concreto e vivo como testemunho(...) vida que sobreexiste além da morte” (op.cit. p.37)

VIII

Domingos Carvalho da Silva no seu livro “Uma Teoria do Poema” (Editora Civilização Brasileira: Rio e Janeiro, 1989) argumenta que “a literatura tem , entre suas funções a de comunicação do autor com os leitores. Já em Vico encontramos a afirmativa que o poeta se dirige à multidão, o que Maiakovski confirma ao considerar a importância do ‘auditório’. Não faltam nomes como Valéry, Edgar Poe, que defendem a poesia pura, alheia aos temas sociais. Para alguns adversários da comunicação poética, deve o poeta escrever como se fizesse apenas para si mesmo. Carlos Bousoño, defensor da comunicação, afirma que o poeta *‘comunica la representación de la realidad exterior que se forma em la pupila de um personaje’*”.

No posfácio de “*Farewell*”, livro póstumo de Drummond (Editora Record:Rio de Janeiro, 1998), o crítico Silviano Santiago ressaltou: “ Nosso itabirano escreveu poemas que se tornaram amados pelo grande público, memorizados e repetidos sem a ajuda do livro”.

O sentimento do mundo é liberdade e prisão, entre as convenções e a realidade. Ilha, distância, noite, torpor, velhice, guerra, suicídio, lembranças, amigos, solidariedade, a solidão: um recorte na trajetória de Carlos Drummond de Andrade. Um sentimento que se apossa de nós diante de um possível espelho. E como o cenário, temos a vida. A vida apenas como numa fotografia de 1940, este sentimento do mundo. Mas como dói!